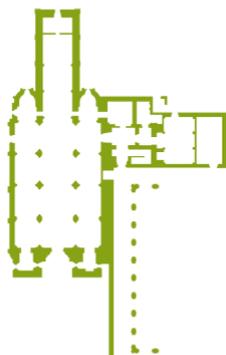


1.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE POMBEIRO



Rua do Mosteiro
Pombeiro de Ribavizela
Felgueiras



41° 22' 58,09" N
8° 13' 32,59" O



918 116 488



Dom. 8h e 10h45



Santa Maria Maior
15 agosto



Monumento Nacional
1910



P. 25



P. 25



Sim

Uma visita ao Mosteiro de Santa Maria de Pombeiro deve começar em lugar sobranceiro ao vale, para que possa ser devidamente apreciada a localização de um dos mais importantes mosteiros beneditinos do Entre-Douro-e-Minho, em riqueza e programa construtivo. A escolha do lugar para a sua implantação mostra, ainda hoje, como as comunidades monásticas procuraram construir nas melhores terras agrícolas, em áreas baixas, onde havia abundância de água.

A mais antiga referência documental relativa a Pombeiro data de 1099, registando a existência de um cenóbio. No entanto, é mais significativo para o conhecimento da história desta casa monástica um documento de 10 de fevereiro de 1102. Este indica que o Mosteiro foi fundado por D. Gomes Echiegues (1024-1102) e sua mulher Gontroda. Em 1 de agosto de 1112, D. Teresa (1080-1130), mãe de D. Afonso Henriques (r. 1143-1185), concede carta de couto ao Mosteiro, tornando-o terra privilegiada com justiça própria na pessoa do seu abade. A construção da Igreja tal como hoje se apresenta – apesar de muito reformada nos séculos XVII e XVIII – corresponde à obra da época românica, provavelmente

iniciada no último quartel do século XII, mas só terminada nas primeiras décadas do século XIII. Assim parecem indiciar a rosácea da fachada ocidental e a escultura e o alçado do portal principal.

À fachada ocidental foram acrescentadas duas torres que já estavam erguidas em 1629. Esta alteração poderá estar relacionada com a ruína da galilé, construção destinada a espaço funerário, onde figuravam as armas da antiga nobreza de Portugal. A localização exata desta celebrada galilé constitui um tema em aberto, tanto mais que as escavações arqueológicas (1993-2006) parecem revelar indícios da sua existência. A construção das torres entre finais do século XVI e o primeiro quartel do século XVII conduziu à reforma da fachada, com a finalidade de dar mais luz ao templo e de permitir a construção do amplo coro alto e do respetivo órgão.

No período de 1719-1722, o muro encaixado entre as duas torres e a respetiva rosácea, enquadrada em moldura de grande janela à maneira da sé do Porto, foi deslocado para a frente, ficando ali-

nhado com as torres, estruturando-se assim uma nova fachada, com nichos para as imagens de Nossa Senhora, orago da Igreja, e de São Bento e Santa Escolástica, patronos da ordem beneditina.

No que diz respeito à cabeceira da Igreja, a documentação garante que a capela-mor foi totalmente reconstruída em 1770. A sua planta original era semicircular, tal como os absidiólos ainda hoje presentes. A Igreja é composta por três naves de três tramos, cobertas por arcos-diafragma e madeira. O transepto é apenas notado na altura, ressaltando a sua volumetria no exterior. O portal principal é um notável exemplo de escultura românica. Os capitéis, de inspiração vegetalista e de magnífica execução, demonstram uma mão muito hábil no domínio da escultura em granito e representam o que de melhor se esculpiu nesta região, apresentando semelhanças nas Igrejas de Unhão (Felgueiras) (p. 42) e de Ferreira (Paços de Ferreira) (p. 66). As impostas, constituídas por palmetas simplificadas, apoiam seis arquivoltas, três das quais demonstram molduras protogóticas.





Há aduelas com animais afrontados, do tipo bracarense. Outras apresentam palmetas e cabeças de animais de cujas bocas saem fitas, idênticas a um exemplar de Veade (Celorico de Basto) (p. 240) e outras ainda, de muito aprimorado relevo, apresentam decoração floral, bem saliente.

Na fachada mantém-se a primitiva rosácea, bastante ampla, já protogótica, com estrutura idêntica à de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90). Já as fachadas laterais desenvolvem-se segundo os esquemas da Época Moderna, ou seja, mostram soluções cenográficas, típicas dos esquemas da arquitetura e da decoração rococó.

À entrada da Igreja de Pombeiro, na área protegida pelo coro alto, encontram-se dois sarcófagos armoriados cobertos com estátuas jacentes, que podem ser atribuídos aos finais do século XIII ou ao início da centúria seguinte. As arcas faziam parte do importante núcleo funerário que outrora encontrava abrigo na galilé do Mosteiro, panteão da nobreza do Entre-Douro-e-Minho.

Gravada em dois silhares de granito, embutidos na parede leste do transepto, na esquina com o absidiolo sul, conserva-se a inscrição comemorativa da deposição de relíquias na Igreja do Mosteiro de Pombeiro.





A PINTURA MURAL

Em Pombeiro conservam-se dois programas de pintura mural: um no absidíolo do lado do Evangelho e outro no absidíolo do lado da Epístola. No arco do portal que dava acesso ao claustro há também vestígios de pintura mural, compostos por uma barra decorativa. Apesar de datarem do início da década de 30 do século XVI, estas pinturas acusam ainda soluções próprias do tardogótico, embora mostrem, simultaneamente, o acolhimento de novas formas de inspiração renascentista.

O mau estado a que a pintura do absidíolo do lado do Evangelho chegou, impossibilita uma apreciação estilística adequada. No entanto, pelo que restou do programa, o tema poderá reportar-se a uma cena alusiva à *vida de São Brás*, já que, de acordo com a lenda, o santo foi encontrado por caçadores, vivendo na selva com animais selvagens como ursos, leões e tigres, que havia domesticado.

A representação de cabeças de cerdas deve reportar-se a um dos milagres atribuídos a São Brás. Segundo a lenda que narra a vida deste santo, um lobo roubou a uma mulher pobre um porco, animal que constituía a sua única riqueza, tendo São Brás obrigado o lobo a devolver a presa. Como voto de agradecimento, a mulher levou a cabeça e os pés do porco assados à prisão onde se encontrava São Brás, santo muito cultuado desde a Idade Média, por ser um santo curador e taumaturgo.

Opinião diversa considera a existência de uma representação de carácter histórico, inspirada no ciclo do Antigo Testamento e referente ao *sacrifício de Noé* após o dilúvio. O conjunto de animais exóticos, à direita do observador, é acompanhado, à esquerda, por um grupo de figuras humanas ajoelhadas e que seguram velas.

A pintura do absidíolo do lado da Epístola encontra-se em melhor estado de conservação. São aqui representados dois santos beneditinos que, pelas suas legendas, deverão corresponder a *São Mauro* e a *São Plácido*. Estes santos foram discípulos de São Bento de Núrsia, fundador da ordem beneditina.

A representação de *São Plácido* está acompanhada, lateralmente, de um letrado que também não é inteiramente perceptível. No entanto, é possível ler-se, o seguinte: "(...) mill (?).(?) XXX I (?)" e nas linhas seguintes: "(...) sñor dom/abade dom amtonjo de Mello a mādou fazer".

SANTA MARIA DE POMBEIRO

Enquadrada atualmente no retábulo-mor da Igreja, merece atenção a escultura do orago, Santa Maria, devotíssima imagem ainda durante os séculos XVII e XVIII, conforme garante frei Agostinho de Santa Maria. Nessa época, a imagem, também designada de Santa-Maria-a-Alta, estava em altar próprio situado no corpo da Igreja, do lado do Evangelho.

É uma escultura em madeira dourada e policromada, de consideráveis dimensões, apresentando a Nossa Senhora em pé, segurando o Filho no braço esquerdo, e que ostenta, na mão direita, um cetro (colocado no século XVIII, quando se dourou de novo a imagem).

O Menino está sentado no braço da Mãe em posição entronizada, revelando uma fisionomia quase adulta. É uma escultura que deve ser enquadrada na época gótica,

talvez nos finais do século XIV, certamente bastante retocada em épocas posteriores. Embora a documentação garanta a existência de escultura de vulto no século XIII, fenómeno comum a outros países europeus, em Portugal foi no século XIV que a escultura gótica atingiu o seu apogeu. O incremento da produção gótica de escultura, tanto de vulto, como retabular, deve ser enquadrado no fenómeno devocional da época. Se na época românica se rezava fundamentalmente diante das relíquias, na época gótica aquelas já não satisfazem as necessidades devocionais. Reza-se agora diante das imagens esculpidas ou pintadas.

Própria da época gótica e do gosto pela aproximação dos crentes às figuras sagradas é a representação de Nossa Senhora em pé, segurando o Menino, habitualmente no braço esquerdo, tipo iconográfico que se designa de "Eleousa" e que irá dar origem a variantes como a de Nossa Senhora do Leite, já incluída esta nas variações muito góticas da Virgem da Ternura.



A partir de 1719-1721, quando ocupava a cadeira abacial frei Bento da Ascensão, regista-se uma série de reformas na Igreja. Embora ao longo de todo o século XVIII as intervenções sejam contínuas, são de destacar dois ciclos: no primeiro terço do século XVIII, a adaptação da Igreja à gramática barroca; a partir de 1760, a criação do ambiente rococó.

O objetivo era claro: promover a dignificação do culto e a atualização da linguagem artística da velha Igreja medieval. O artista mais proeminente desta metamorfose foi o reputado frei José de Santo António Ferreira Vilaça, entalhador, escultor e arquiteto. O retábulo-mor de Pombeiro, executado no período de 1770-1773, impõe-se, dominando todo o topo da capela-mor.

É uma excelente peça de madeira de castanho, totalmente dourada, onde se destaca a policromia do estofado das imagens dos santos que o mesmo suporta: São Bento, Santa Escolástica e, no nicho central, a imagem medieval de Nossa Senhora com o Menino.

O trono eucarístico, de forma piramidal escalonada, é um componente exclusivo do retábulo português que domina a organização do retábulo-mor desde o início do século XVIII, impondo-se como concretização do ideário tridentino. O topo dessa estrutura, o centro visual do retábulo, servia para a exposição do Santíssimo Sacramento. No retábulo de Pombeiro, frei José Vilaça valoriza esse ponto fulcral da máquina retabular, vazando a parede e colocando em contraluz raios de sol, permitindo que o Santíssimo Sacramento se apresentasse aos fiéis suspenso em luz.

Essa composição altamente engenhosa é reveladora da genialidade de José Vilaça. Depois da extinção das ordens religiosas masculinas em Portugal (1834), procedeu-se à inventariação de todo o património monástico, com o objetivo de registar os bens móveis e imóveis. No Mosteiro de Pombeiro, o processo de desamortização travaria as obras de reconstrução do espaço monástico, iniciadas após o incêndio provocado pelo saque das invasões francesas. Este processo originou a fragmentação de todo o património religioso que se encontrava nas mãos dos beneditinos de Pombeiro, contribuindo de modo acelerado para a delapidação de livrarias e cartórios, para a ruína e/ou transformação das dependências monásticas, modificando a função inicial do edifício, e para a alteração do património fundiário do Mosteiro.





NÚCLEO RURAL DO BURGO – ALDEIA DE PORTUGAL

Na área envolvente ao Mosteiro de Pombeiro são diversos os motivos de interesse cultural e paisagístico que justificam, indiscutivelmente, uma caminhada de reconhecimento.

Junto ao Mosteiro, o aqueduto de Pombeiro merece uma atenção especial. Foi construído entre 1704 e 1707 e é um elemento arquitetónico que se destaca pela sua estrutura em arcos de volta perfeita. Partindo, de seguida, na direção do Núcleo Rural do Burgo, vai deparar-se, pouco depois, com a fonte de Santa Bárbara. Foi construída pelos monges beneditinos de Pombeiro, em 1754. Embelezava a Via Sacra e saciava a sede aos peregrinos que visitavam o Mosteiro e, provavelmente, também aos que se dirigiam a Compostela (Espanha), pela estrada de Guimarães. Entre 2008 e 2010, esta fonte foi alvo de profunda requalificação.



Muito perto da mesma, preserva-se um pequeno troço de calçada romana, um cruzeiro e a Casa Rural do Adro do Mosteiro de Pombeiro dotado de um núcleo expositivo e interpretativo. Chegamos ao Núcleo Rural do Burgo. Localizado a cerca de 800 metros do Mosteiro, foi classificado como Aldeia de Portugal pela Associação do Turismo de Aldeia. Nesta povoação, numa atmosfera quase medieval, predominam as construções tradicionais em granito. Entre elas, destacam-se o Paço de Pombeiro (p. 362), agora convertido em unidade de turismo de habitação, o antigo seminário de Santa Teresinha e a Casa das Portas. Continue depois por um dos percursos pedestres sinalizados ("Caminhos Medievais" ou "Caminhos Verdes" (p. 316)), que se iniciam no parque de campismo. A descoberta de mais alguns pequenos tesouros está garantida: a ponte do Arco sobre o rio Vizela, que possui um marco de 1724 referente ao couto do Mosteiro de Pombeiro; o moinho ainda em funcionamento; mais um troço de calçada romana; a aldeia de Talhós, entre outros.

Uma referência final para a existência em Felgueiras, na freguesia de Sendim, de uma outra Aldeia de Portugal: Codeçais.



Rio Vizela | Felgueiras. Ponte do Arco



A NÃO PERDER

- 4,1 km: Fábrica do Pão de Ló de Margaride (p. 252)
- 5,8 km: Santuário de Santa Quitéria (p. 253)
- 7,7 km: *Villa Romana* de Sendim (p. 253)